



ARTE EM TEMPOS SOMBRIOS

ANAIS DO 41.º COLÓQUIO DO COMITÊ
BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE

CB
HA

ARTE EM TEMPOS SOMBRIOS

ANAIS DO 41.º COLÓQUIO DO COMITÊ
BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE

Realização



Organização



UFRJ
UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO

 **UFU** Universidade
Federal de
Uberlândia



UFPEL



UFRRJ UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL
DO RIO DE JANEIRO


CEFET/RJ

CBHA – Comitê Brasileiro de História da Arte – Fundado em 1972

Presidente de Honra (in memoriam) – Walter Zanini

Diretoria (2020-2022)

Presidente – Marco Antônio Pasqualini de Andrade (UFU)

Vice-presidente – Neiva Bohns (UFPEL)

Secretária – Rogéria de Ipanema (UFRJ)

Tesoureiro – Arthur Valle (UFRRJ)

Conselho Deliberativo do CBHA (2020 – 2022)

Almerinda da Silva Lopes (UFES)

Emerson Dionísio Gomes de Oliveira (UnB)

Luiz Alberto Freire

Maria de Fátima Morethy Couto (UNICAMP)

Marize Malta (UFRJ)

41º Colóquio do CBHA (2021): Arte em Tempos Sombrios

Comissão Organizadora

Marco Antonio Pasqualini de Andrade (UFU/CBHA) (presidente)

Arthur Valle (UFRRJ/CBHA)

Marize Malta (UFRJ/CBHA)

Neiva Bohns (UFPEL/CBHA)

Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ/CBHA)

Sandra Makowiecky (UDESC/CBHA)

Comitê Científico

Almerinda Lopes (UFES/ CBHA)

Arthur Valle (UFRRJ/CBHA) Bianca Knaak (UFRGS/ CBHA)

Blanca Brites (UFRGS/CBHA)

Camila Dazzi (CEFET-RJ/ CBHA)

Fernanda Pequeno (UERJ/ CBHA)

Fernanda Pitta (Pinacoteca-SP/ CBHA)

Marco Pasqualini de Andrade (UFU/CBHA)

Maria do Carmo de Freitas Veneroso (UFMG/CBHA)

Maria Izabel Branco Ribeiro (FAAP/ CBHA)

Marília Andrés Ribeiro (UFMG/CBHA)

Neiva Bohns (UFPEL/CBHA)

Niura A. Legramante Ribeiro (UFRGS/ CBHA)

Paulo César Ribeiro Gomes (UFRGS/ CBHA)

Raquel Quinet Pifano (UFJF/CBHA)

Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ/ CBHA)

Vera Pugliese (UnB/ CBHA)

Imagem da capa

Lydio Bandeira de Mello (1929 -), *Sem título*, 2019. Carvão crayon e pastel seco, 75 x 55 cm; Foto: Rafael Bteshe

Diagramação

Vasto Art

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C72 - Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte (41: 2021)

Anais do 41º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte: Arte em tempos sombrios

– Evento online - 23-27 nov. 2021. (Organizadores: Marco Pasqualini, Neiva Bohns, Rogéria de Ipanema, Arthur Valle). São Paulo: Comitê Brasileiro de História da Arte, 2022 [2021].

1371 p : 21X37 cm: ilustrado

ISSN: 2236-0719

<https://doi.org/10.54575/cbha.41>

1. História da Arte. I. Comitê Brasileiro de História da Arte. II. Anais do 41o. Colóquio do CBHA.

CBHA – Comitê Brasileiro de História da Arte

CDD: 709.81

Asfixias da violência histórica na geografia de uma cidade. Denúncias de uma artista.

Mônica Zielinsky, Universidade Federal do Rio Grande do Sul

<https://orcid.org/0000-0003-0815-3725>

monicazielinsky@gmail.com

Resumo

A violência de um passado político ditatorial no Brasil dilata-se e parece “contaminar o presente”, ao oferecer, em nossos dias, possíveis analogias com fatos passíveis de seu reconhecimento cada vez mais presente na vida brasileira hodierna. Este contexto, particularmente no Rio Grande do Sul, vem a ganhar vida pela obstinada criação da artista Manoela Cavalinho (Porto Alegre, 1981), alguém profundamente amargurada por uma amnésia histórica, quando seu inconformismo explode com vigor e violência, ao transgredir, entre as superfícies da cidade, o silêncio de todos os fatos. Denuncia ao mundo, através de sua arte, a violência subterrânea dos acontecimentos, através de pequenas epígrafes calcadas sobre os lugares da história em Porto Alegre.

Palavras-chave: Manoela Cavalinho. Arte e violência. Arte e memória. Ditadura militar. História da arte no Rio Grande do Sul.

Abstract

The violence of a dictatorial political past in Brazil expands and seems to “contaminate the present”, by offering, in our days, possible analogies with facts that can be increasingly recognized in Brazilian hodiernal life. This context, particularly in Rio Grande do Sul, comes to life through the obstinate creation of the artist Manoela Cavalinho (Porto Alegre, 1981), someone deeply embittered by a historical amnesia, when her nonconformity explodes with vigor and violence by transgressing the silence of all facts among city surfaces. She denounces to the world, through her art, the subterranean violence of the events, through small epigraphs traced on the places of history in Porto Alegre.

Keywords: Manoela Cavalinho. Art and violence. Art and memory. Military dictatorship. Art history in Rio Grande do Sul.

“A tarefa de uma crítica da violência pode se circunscrever à apresentação de suas relações com o direito e com a justiça. Pois, qualquer que seja o modo como atua uma causa, ela só se transforma em violência [...] quando interfere em relações éticas”¹.

- Walter Benjamin, 1921

Neste estudo meu interesse irrompe da pesquisa que desenvolvo há certo tempo sobre “*Os apagamentos da memória na arte*”, estendida na constituição de um grupo de estudos, acordos interinstitucionais, publicações, igualmente em colóquios, todos organizados em uma perspectiva internacional. Tenho buscado aprofundar o problema em investigações sobre a produção contemporânea de artistas do Rio Grande do Sul, ao apontarem estes, em suas criações, sob diferentes modos e procedimentos, estes apagamentos da memória, ao reconhecê-los, mais ainda, ao colocarem em xeque seus inconformismos a respeito e seu mais intenso repúdio a esses fatos.

Através desta reflexão percebo rasgarem-se os tempos. Dos fluxos do presente ao passado e do passado ao presente descobrem-se tempos sombrios, em seus constantes anacronismos. Evocam-se, a partir da atmosfera autoritária das condutas políticas do Brasil hoje, nutridas de problemas de ordem ética, também as de um passado fortemente dramático, este relativo a uma história cultural esquecida na cidade de Porto Alegre durante o longo período da ditadura militar no país (1964-1985), como se esta história nunca houvesse existido. Neste lugar, reconhecido como um dos mais efervescentes polos de repressão política no Brasil, viram-se soterradas, sob um implacável silêncio, muitas das suas memórias culturais, históricas e institucionais. Ali alastrou-se a asfixia de numerosos sofrimentos humanos, como também o esquecimento, por quase duas décadas, de traumas intermitentes, da angústia frente à brutalidade das perseguições e prisões, das tantas fugas e torturas, mas sobretudo do legado de dolorosas mortes. Em sua base, erigia-se o mais violento poder opressivo do Estado brasileiro e dos militares, nutrido pelo desrespeito aos direitos humanos e à democracia. A violência de um passado político ditatorial dilatou-se e parece “contaminar o presente”, ao oferecer, em nossos dias, possíveis analogias com fatos passíveis de seu reconhecimento cada vez mais presente na vida brasileira hodierna.

Este contexto opressivo ganha vida e sua contribuição efetiva aos olhos públicos que o ignoram através da obstinada criação da artista Manoela Cavalinho (Porto Alegre, 1981). Profundamente amargurada por esta amnésia histórica, ela traz à luz, com sutileza, mas ao mesmo tempo envolta em sua mais violenta repulsão, seu inconformismo. Este explode com vigor e veemência, ao transgredir Manoela, com sua arte, os territórios da geografia da cidade, também o mutismo sobre os fatos dos quais eles foram cenário. Em seu repúdio ao irreparável olvido cultural e político, esta artista decide denunciar ao mundo a violência subterrânea dos

¹ Walter Benjamin. “Para a crítica da violência”, in: Jeanne Marie Gagnebin (org.) *Walter Benjamin. Escritos sobre mito e linguagem*. São Paulo: Livraria Duas Cidades / Editora 34, 2011, p. 121.

acontecimentos passados no presente. Para isso, cria pequenas epígrafes calcadas com estratégia e extrema rapidez sobre os lugares omitidos na história de Porto Alegre, também sobre superfícies de vidro erguidas em seus braços para serem fotografadas nesses sítios, em meio às dramáticas histórias silenciadas.



Figura 1. Manoela Cavalinho. *Epigramas*. Av. João Pessoa, 2050 – 2020

Manoela rompe com isso muitos segredos do passado dispersos na geografia urbana. O espaço, em meio ao trabalho da artista, traz, ao contrário, através desses marcos fundamentais dos fatos, a representação trágica desta história e do mundo real desconhecido desta urbe. Para isso, ela investiga e descobre, levada por verdadeira obsessão, notáveis trabalhos realizados por pesquisadores universitários sobre muitos dos catastróficos episódios e acontecimentos da ditadura militar ocorridos nas ruas e lugares da cidade. Traz, através dessas consultas, a indicação de valiosos marcos fundamentais para a constituição da própria história da cidade, pois dessas sinalizações são arrancadas as verdades da política e da própria vida, ao dilacerar a artista com visceral ousadia crítica, a imobilidade e os ocultamentos da memória que a constituíram e permanecem vivos desde os longos tempos de sua modelagem cultural.

O trabalho artístico de Cavalinho projeta-se desde lembranças construídas no mais íntimo recanto familiar de sua infância e juventude, ao nele conviver, em meio a alguns silêncios, imprecisões e mistérios sobre os fatos políticos da ditadura brasileira. Lembro que um dos importantes estudiosos sobre a memória, Jan

Assmann (2010)², leva-nos a compreender que o espaço comum da experiência se estrutura de modo conectivo, quando as lembranças marcantes possibilitam ser armazenadas na memória, ao incluírem também imagens de outros tempos no horizonte de um presente sempre em trânsito. Este processo conectivo é visto como fundamental na criação da artista - pois a atmosfera dessas longínquas lembranças de outrora em família eclode com impulsividade na atualidade, no rasgo vigoroso que destrói tantos mistérios e as deslembanças contidas na história da capital sul do Brasil. Ao propagá-las, em meio a um sabor fundamental de verdade, Manoela visa sua ampliação, desde um âmbito mais privado e familiar, a um imprescindível conhecimento público.

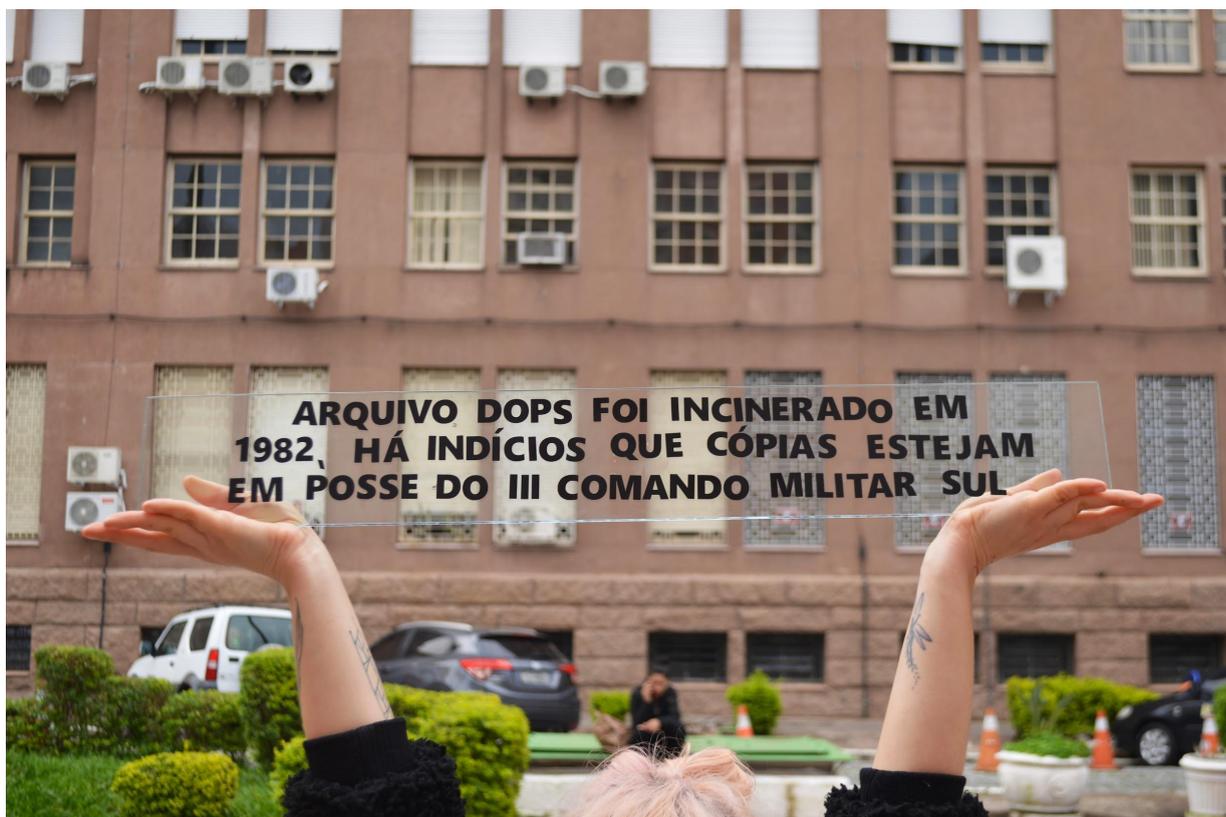


Figura 2. Manoela Cavalinho. *Epigramas*. Rua dos Andradas, 562 – 2020

A sua produção artística acontece, na maioria das vezes, espriada em lugares públicos, ao instaurar seu corpo nos espaços. Quase em constante fuga, em ações performáticas no campo político das ruas, em sua liberdade expressiva e visivelmente ágil, mas sorrateira, evade-se ininterruptamente, por pressentir ameaças de possíveis vigilantes institucionais ou da parte de espaços conflitantes. Lembra um estudioso do espaço, Karl Schlögel, que “as paisagens não são textos, tampouco as cidades. Os textos podem ser lidos, mas às cidades, tem-se que ir” e

² Jan Assmann. *La mémoire culturelle*. Écriture, souvenir et imaginaire politique dans les civilisations antiques. Paris: Flammarion, 2010.

acentua, com estas palavras, a importância da vivência permanentemente presencial, mesmo que fugidia, de Manoela nos espaços da cidade.

Em tempos sombrios como os de hoje, contudo, Manoela não emprega representações da violência, como diversos artistas buscam representá-la em sua arte. A criação de Cavalinho, ao contrário, busca, como cerne fundamental, sua própria presença física, ao empregar seu próprio corpo no ato de colar sobre lugares por ela escolhidos frases inscritas, no intuito de trazer à luz dolorosas ocorrências relatadas nesses espaços que se tornam profundamente políticos. São os da própria violência aqui por ela evocada, a *Gewald*, citada por Walter Benjamin³. São ao mesmo tempo aqueles sítios que expõem o poder supremo sobre a vida e sobre a morte e se manifestam *de forma terrível*, nas próprias palavras do grande filósofo alemão. Envolvem uma ação performática de aparecer, mesmo a um modo efêmero, em uma exigência corpórea presente no processo de plasmar a escrita de seus Epigramas⁴. Busca, por esses atos presenciais, lembrar fisicamente os tantos espaços a serem denunciados ao mundo, pela tragicidade que eles trazem constituintes em suas histórias. Marca assim diversos pontos da cidade de Porto Alegre por suas interferências e escolhas históricas. Com isso, a artista marca vigorosamente os espaços de seu interesse e refaz uma nova geografia e um novo mapa desta urbe, em um ato de redesenhá-la pelos atos de violência que nela ocorreram quase desconhecidos sobre sua própria história. Possibilita assim, em um vívido ato heurístico e com um certo grau de deleite pela conquista, o assinalar desta dramática conjuntura do passado ditatorial do sul do Brasil, porém, aquele que poderia quem sabe abrir, ao mesmo tempo, um possível caminho de estudos e aprofundamentos em suas mais distintas nuances.

No cerne fundamental de cada um dos trabalhos de criação desta artista, por um lado podem ser instaurados agudos pensamentos relacionais sobre violência, justiça e direitos humanos e sua real identidade, ao interferir em questões éticas, conforme se irradia a partir do pensamento de Benjamin, o da epígrafe deste texto, mas também são vívidos nos Epigramas de Manoela. Em uma ótica anacrônica e por certa similaridade entre pensamentos e condutas, esses apontamentos tornam-se essenciais para a compreensão social e política referente ao Estado brasileiro contemporâneo, em uma história atual que indica desastrosamente um real desconhecimento dessas relações. Em outro sentido, poderia motivar-nos quem sabe a desenvolver habilidades de pensar crítica e publicamente sobre esses efeitos dos nossos passado e presente, ao se tentar

³ Cf. nota de Jeanne-Marie Gagnebin, organizadora da obra *Walter Benjamin Escritos sobre mito e linguagem* e no texto de Walter Benjamin ali inserido, 'Para a crítica da violência' (1921), o termo originado em língua alemã de *Gewald*, que provém do verbo arcaico *walten*, na acepção de imperar, reinar, ter poder sobre. Mas este termo indica, para Benjamin, a importante imbricação do poder político com a violência, o pano de fundo do próprio pensamento de Benjamin, mas visivelmente igualmente rico para a reflexão sobre a criação de Manoela Cavalinho, pelas discussões que sobre ela são levantadas.

⁴ Cf. pensamento semelhante mencionado por Judith Butler. *Corpos em aliança e a política das ruas*. Notas para uma teoria performativa de assembleia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

ultrapassar a crise da imaginação histórica que nos abala hoje, de modo tão profundo e, ao mesmo tempo, o da angústia da perda do futuro que nos assola.



Figura 3. Manoela Cavalinho. *Epigramas*. Biblioteca Pública do RS -2020



Figura 4. Manoela Cavalinho. *Epigramas*. Av. Sepúlveda, sn, 2021

Os Epigramas de Manoela Cavalinho sem dúvida revolvem a ideia de história e incitam a considerar o esquecimento, nas palavras de Huyssen, como uma deficiência, uma falta inaceitável a ser suprida. Basta lembrarmos Benjamin, ao considerar ele o poder que tem a memória de perturbar ou destruir⁵o que foi esquecido.

E sob esse foco, o trabalho desta artista se impõe como uma urgência histórica a ser recriada, em especial em relação à própria história da arte do país, ao denunciar profundas inquietudes que tantos fatos omitidos nela iniciam a eclodir. A produção desta artista possibilita, a partir do descortinar as realidades do passado, projetar um futuro mais transparente, fortemente crítico, múltiplo e relacional, mesmo em seus possíveis tempos imaginados. Trata-se do oferecimento, através desses trabalhos, de uma outra modalidade de percepção e de imaginação de espera e, quem sabe de avanço, como lembra a estudiosa britânica Doreen Massey.⁶

Manoela Cavalinho sabe romper, em meio ao seu corajoso enfrentamento das numerosas asfixias da violência encroadas nesses vários lugares, muitas verdades que agora pulsam com vigor, desde o subterrâneo desta urbe às suas superfícies, agora cobertas de sutis epigramas. A partir da sua arte, ela provoca uma nova recepção da vida na própria história da arte deste Brasil, em ricas ressignificações dos fatos. São modos de criação que revolvem, não apenas a compreensão de fatos do passado em direção ao presente, mas também daqueles do presente ao passado em seus ciclos anacrônicos que compõem esta memória cultural. Seus significados provêm da habilidade da artista, em sua criação, ao conhecer as experiências contemporâneas de seu tempo, ao torná-las efetivas modalidades de reconfiguração da historicidade, em seus novos delineamentos.⁷

As atitudes artísticas de Manoela, centradas no exercício da memória cultural, mostram-se como cerne de sua inventividade. Será que não exporiam elas, de sua parte, também vitais transformações nas categorias políticas trazidas por seus trabalhos?

Ao desnudar tantos dramas escondidos, ao rasgar a estabilidade e os silêncios da cidade às margens do Guaíba como nunca antes se teria imaginado, tencionam-se, por esses trabalhos, os espaços culturais da cidade. Ao expor suas calçadas evocadas como frias lápides que guardam a memória de nomes daqueles que encontraram a morte ou seus corpos dilacerados, ao apontar instituições como trágicas casas da morte e de massacres humanos, Manoela incessantemente delata. Diante do violento poder que sulca sem trégua os diferentes tempos da história brasileira, em seus processos incompreensíveis e inaceitáveis, como se

⁵ Walter Benjamin. in: Andreas Huyssen. *Culturas do passado-presente*. Modernismos, artes visuais, políticas da memória. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.

⁶ Cf. Doreen Massey. *Pelo espaço*. Uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2012.

⁷ Cf. Christine Ross. *The past is the present; it's the future too*. The temporal turn in contemporary art. New York, London, New Delhi, Sidney: Bloomsbury, 2014.

estivesse anestesiado o exercício de pensá-los e de enfrentá-los. A arte aqui brada contra a destruição da liberdade humana tanto exterior, como interior.



Figura 5. Manoela Cavalinho. *Epigramas*. Cadeia Pública de POA – 2020

Alastra-se, por meio desta importante obra, um sentido de sua imortalidade política, espalhada na geografia desta urbe, ao indicar a sua reconstrução, pela retomada de um pensamento vigoroso de liberdade, em particular da memória da própria identidade histórica, longe das hipertrofias de sua destruição.

Ao ter Manoela Cavalinho optado pela performance ágil de seu próprio corpo entre os espaços políticos desta cidade adormecida, ergue-se sua luta contra o esquecimento, contra a anestesia do pensar, a usurpação da liberdade, também contra a repressão. Devolve-nos, ao contrário, mesmo em meio a tempos tão sombrios, a alma da veracidade e a atmosfera do mover-se, quando tudo parece inerte e obscuro. Esta criadora permite com sua arte que se entreveja uma crença em que algo possa ser realizado, em tempos de uma imaginação em espera, em outros futuros, quem sabe, a transformarem o curso da história.

Referências

ARENDETT, Hannah. *Arendt*. Paris: L'Herne, 2021.

ASSMANN, Jan. *La mémoire culturelle*. Écriture, souvenir et imaginaire politique dans les civilisations antiques. Paris: Flammarion, 2010.

BENJAMIN, Walter. "Para a crítica da violência". In: GAGNEBIN, Jeanne Marie (org.) *Escritos sobre mito e linguagem*. São Paulo: Livraria Duas Cidades / Editora 34, 2011.

BUTLER, Judith. *Corpos em aliança e a política das ruas*. Notas para uma teoria performativa de assembleia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

HUYSEN, Andreas. *Culturas do passado-presente*. Modernismos, artes visuais, políticas da memória. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.

MASSEY, Doreen. *Pelo espaço*. Uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2012.

ROSS, Christine. *The past is the present; it's the future too*. The temporal turn in contemporary art. New York, London, New Delhi, Sidney: Bloomsbury, 2014.

Como citar:

ZIELINSKY, Mônica. Asfixias da violência histórica na geografia de uma cidade. Denúncias de uma artista. *Anais do 41º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte: Arte em Tempos Sombrios*, Evento virtual, CBHA, n. 41, p. 56-64, 2022 (2021). ISSN: 2236-0719.
DOI: <https://doi.org/10.54575/cbha.41.004.1>
Disponível em: <http://www.cbha.art.br/publicacoes.htm>